

FORMALISMO E FUNCIONALISMO: FATIAS DA MESMA TORTA

FORMALISM AND FUNCTIONALISM: SLICES OF THE SAME PIE

Luciano Amaral Oliveira
 Prof. Assistente(DLET/UEFS)
 Doutor em Letras pela UFBA
 leoliveira@atarde.com.br

RESUMO — Neste artigo, informa-se sobre o debate em torno dos paradigmas formalista e funcionalista, destacando-se a necessidade de vê-los como posições teóricas não mutuamente excludentes. Apresenta-se o modelo do Pie Chart, concebido por Dianne Larsen-Freeman (School for International Training, Vermont – SIT) e Marianne Celce-Murcia (University of California, Los Angeles – UCLA) para auxiliar no estudo e no ensino da gramática da língua inglesa, como um exemplo concreto da complementaridade entre funcionalismo e formalismo.

PALAVRAS-CHAVE: *Formalismo; Funcionalismo; Ensino de línguas.*

ABSTRACT — In this article, some information is given concerning the debate about the formalist and functionalist paradigms, highlighting the need to view them as non-mutually exclusive theoretical positions. The Pie Chart model – created by Dianne Larsen-Freeman (School for International Training, Vermont – SIT) and Marianne Celce-Murcia (University of California, Los Angeles – UCLA) in order to help the learning and teaching of the English grammar – is presented as a concrete example of the complementarity between formalism and functionalism.

KEY-WORDS: *Formalism; Functionalism; Language teaching.*

INTRODUÇÃO

Na Lingüística, sempre houve muitas discussões em torno de qual paradigma teórico é o melhor para se entender os fenômenos lingüísticos. A questão da aquisição da linguagem,

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 224-8265 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460.

por exemplo, é, até hoje, muito controversa, estando polarizada, de um lado, no behaviorismo e, do outro, no inatismo. Outra questão que tem gerado muita discussão entre os lingüistas é a que diz respeito a formalismo e a funcionalismo. Enquanto muitos formalistas e funcionalistas debatem para tentar provar que um paradigma é melhor que o outro, alguns lingüistas percebem que tal comparação é impraticável e que, em verdade, esses dois paradigmas se complementam no sentido de ajudar a Lingüística a melhor entender seus fenômenos.

O objetivo deste artigo é, portanto, informar sobre o debate em torno de funcionalismo e formalismo e demonstrar, através de uma abordagem de ensino de gramática do inglês proposta por Celce-Murcia e Larsen-Freeman, que essas duas teorias podem ser usadas de forma complementar para uma melhor compreensão dos fenômenos lingüísticos.

FORMALISMO VS. FUNCIONALISMO

De acordo com Dillinger (1991), enquanto o formalismo se refere ao estudo das formas lingüísticas, o funcionalismo se refere ao estudo do significado e do uso das formas lingüísticas em atos comunicativos. Em outras palavras, o formalismo vê a língua como um sistema autônomo, enquanto o funcionalismo vê a língua como um sistema não-autônomo inserido em um contexto de interação social. Como afirma Neves (1997, p.39):

Na verdade, pode-se distinguir dois pólos de atenção opostos no pensamento lingüístico, o *funcionalismo*, no qual a função das formas lingüísticas parece desempenhar um papel predominante, e o *formalismo*, no qual a análise da forma lingüística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários.

Os funcionalistas criticam o formalismo pelo fato de os formalistas estudarem a língua como um objeto descontextualizado, sem levar em consideração os falantes-ouvintes ou as circunstâncias nas quais a língua é usada. Para os funcionalistas, a língua não

pode ser desvinculada de suas relações com as diversas maneiras de interação social. Para Votre e Naro (1989, p.170-171), por exemplo, a forma da língua origina-se do uso da língua, da comunicação na situação social. Ainda segundo esses autores, há funcionalistas mais radicais para quem a estrutura não passa de uma ilusão criada e recriada a todo momento pelas regularidades da comunicação humana, exatamente por não ter existência própria: ela depende do uso comunicativo da língua numa determinada situação social para emergir. Talvez esta seja uma postura extremada, mas, com certeza, é uma tentativa de reduzir ao máximo possível a importância que os formalistas dão à estrutura lingüística.

Já os formalistas criticam o funcionalismo pelo fato de ele incluir, nos seus estudos, fenômenos psicológicos e sociológicos, que fere o princípio da autonomia da Lingüística em relação às outras ciências. Estudar os fenômenos lingüísticos dentro do próprio sistema da língua foi a maneira que os formalistas encontraram de dar cientificidade e autonomia à Lingüística: os fenômenos psicológicos e sociais que estejam relacionados com os fenômenos lingüísticos devem ser estudados pela psicologia e pela sociologia.

Dillinger (1991, p. 397) traz uma comparação entre essas duas teorias feita por G. Leech, a qual eu resumi em forma de quadro para uma melhor visualização das diferenças existentes entre os dois paradigmas em termos de visão da língua, universais lingüísticos, aquisição da língua materna e estudo da língua:

Quadro 1

	FORMALISTAS	FUNCIONALISTAS
EXEMPLO	Chomsky	Labov
VISÃO DA LÍNGUA	fenômeno mental	fenômeno social
UNIVERSAIS LINGÜÍSTICOS	derivados de uma herança lingüística genética comum da espécie humana	derivados da universalidade dos usos que as sociedades humanas fazem da língua
AQUISIÇÃO DE LÍNGUA 1	capacidade humana inata para aprender línguas	desenvolvimento das necessidades e habilidades comunicativas da criança na sociedade
ESTUDO DA LÍNGUA	como um sistema autônomo	em relação à sua função social

Observa-se, a partir desse quadro, que tanto o funcionalismo como o formalismo tratam do mesmo fenômeno: a língua. Contudo, a forma como vêem esse fenômeno é distinta, o que implica o uso de metodologias distintas no estudo desse fenômeno. Por essa razão, afirmar que um paradigma é melhor do que o outro não faz sentido: apesar de o objeto observacional de ambas ser o mesmo i.e., os fenômenos lingüísticos, o objeto teórico do funcionalismo é diferente do objeto teórico do formalismo. Dito de outra forma: funcionalismo e formalismo não podem ser comparados nem vistos como alternativos.

Fica, assim, colocado em xeque o uso do conectivo **OU** na questão do formalismo e do funcionalismo. O trabalho conjunto realizado entre funcionalistas e formalistas pode proporcionar uma sinergia bastante salutar para os estudos lingüísticos. Afinal os estudos de aspectos diferentes dos mesmos fenômenos podem dar uma contribuição muito importante para o entendimento de questões lingüísticas no sentido de tais estudos serem complementares. Seria, então, o caso de se passar a usar o conectivo **E** nas discussões acerca do funcionalismo e do formalismo para simbolizar essa junção.

Um exemplo dessa complementaridade pode ser encontrado no ensino de inglês. Aqui também há um grande debate em torno do ensino das formas lingüísticas e do ensino das funções que essas formas podem ajudar a desempenhar nos atos comunicativos. Será que um ensino é melhor do que o outro? A próxima seção traz informações acerca do ensino de línguas estrangeiras para que se possa analisar a questão dos paradigmas formalista e funcionalista sob a perspectiva do ensino do inglês como segunda língua/língua estrangeira.

FORMALISMO E FUNCIONALISMO NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Na década de 40, com a eclosão da II Guerra Mundial, os órgãos políticos e militares norte-americanos sentiram a necessidade de desenvolver um método de ensino de línguas estrangeiras para que seus funcionários e soldados pudessem aprender as línguas de países envolvidos no conflito. Foi, então, criado o

Programa de Treinamento Especializado do Exército, envolvendo 55 universidades americanas, para que um método de ensino de língua estrangeira fosse desenvolvido. Bloomfield, que já vinha realizando pesquisas lingüísticas junto a tribos indígenas americanas através do método do informante, foi o principal responsável pelo desenvolvimento do Programa, cujo resultado foi a criação do Método Audiolingual, que foi sedimentado em duas teorias: a teoria estruturalista bloomfieldiana e a teoria behaviorista de aprendizagem. O audiolingualismo dominou o ensino de língua estrangeira durante as décadas de 40 e 50, até que Chomsky, no final dos anos 50, criticou fortemente a teoria behaviorista, demonstrando a incapacidade que essa teoria possui para explicar a aquisição da linguagem. Isso abalou profundamente um dos alicerces teóricos do audiolingualismo.

Na década de 60, Chomsky criou o conceito de competência lingüística, *i.e.*, o conhecimento gramatical que um falante-ouvinte possui. Hymes viria a criticar esse conceito de competência, propondo que ele fosse ampliado para englobar também elementos psicológicos, sociais e culturais. Surgiu, assim, o conceito de competência comunicativa, que englobava o conceito de competência lingüística chomyskiano. Outro a criticar o conceito de competência lingüística foi Henry Widdowson, que propôs que o discurso também fosse incluído no conceito de competência. Foi Widdowson quem enfatizou a importância da análise do discurso e da coesão e coerência textuais para o ensino de línguas estrangeiras. No entanto, coube a Michael Canale elaborar o conceito de competência comunicativa mais usado até hoje: competência comunicativa é o conhecimento e a habilidade de usar esse conhecimento para se comunicar. Esse conhecimento e essa habilidade se referem a quatro dimensões da competência comunicativa de um falante-ouvinte: competência gramatical, competência discursiva, competência sociocultural e competência estratégica.

Estavam abertos, assim, os caminhos para que o ensino comunicativo de línguas se desenvolvesse nos anos 70 e 80, atraindo a atenção de um grande número de professores de línguas estrangeiras. A reação contra o método audiolingual se espalhou, gerando um mito interessante entre os professores:

não é necessário se ensinar gramática, pois o estudante a adquire a partir das atividades comunicativas realizadas na sala de aula. Essa reação estava intimamente ligada ao fato de os adeptos do método audiolingual darem ênfase demais ao ensino das formas lingüísticas, da gramática descontextualizada. Contudo, nenhum teórico do ensino comunicativo de línguas jamais afirmou que não se deve ensinar gramática formalmente. Eles são contrários ao ensino de línguas que dá ênfase excessiva às estruturas lingüísticas. É interessante notar que esse mito lembra muito a posição de alguns funcionalistas atualmente, segundo a qual a estrutura é apenas uma ilusão que só existe no momento da comunicação.

Esse breve histórico do ensino de línguas estrangeiras mostra duas posições teóricas de ensino que dominam o ensino de línguas estrangeiras: o audiolingualismo e a abordagem comunicativa. Ainda hoje, há discussões em torno da instrução formal da gramática: o professor deve ou não ensinar a gramática da língua em sala de aula? O que é mais importante: a forma da língua ou o uso da língua? Percebe-se aí, claramente, um paralelo com o debate em torno do formalismo e do funcionalismo: isso **OU** aquilo? estrutura **OU** uso? Será possível, na prática, substituir o **OU** que permeia esses debates por um **E** ?

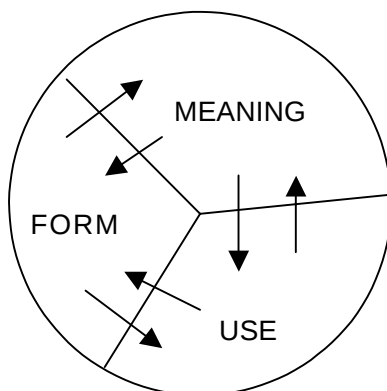
THE PIE CHART

Para Marianne Celce-Murcia, da *Universidade da Califórnia, Los Angeles*, e Diane Larsen-Freeman, da *School for International Training, Vermont*, o ensino de língua estrangeira deve englobar tanto a análise de estrutura da língua quanto a interação social com propósitos comunicativos. Em outras palavras, uma coisa não deve excluir a outra – o contexto social no qual o ato comunicativo ocorre é relevante para a análise da estrutura lingüística e a análise da estrutura lingüística é relevante para o entendimento do ato comunicativo dentro de um contexto social.

Para Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999, p. 5-6), a gramática não deve ser vista como uma gramática lingüística apenas, na qual se buscam explicações internas ao sistema

para compreender seus fenômenos. A gramática, no ensino de língua estrangeira, deve ser vista como uma gramática pedagógica, que leve em conta explicações internas e externas ao sistema lingüístico exatamente porque tal ensino tem como objetivo levar o estudante a se comunicar na língua estudada.

Foi com essa idéia de gramática pedagógica em mente que Celce-Murcia e Larsen-Freeman propuseram, no início dos anos 80, um instrumento pedagógico para o ensino da gramática: o *pie chart*, que tem o seguinte formato:



O *pie chart* é a representação gráfica do conceito de gramática que Celce-Murcia e Larsen-Freeman propõem aos professores de línguas estrangeiras. Em vez de lidar apenas com a estrutura lingüística, o professor de língua estrangeira deve também lidar com o sentido e o uso dessa estrutura.

A fatia **FORM** (forma) do *pie chart* responde à pergunta “Como a estrutura é formada?”. Ela diz respeito à forma lingüística que o aluno vai estudar. A fatia **MEANING** (significado) responde à pergunta “O que a estrutura significa?”. Ela diz respeito ao aspecto semântico do item lingüístico apresentado ao estudante. Finalmente, a fatia **USE** (uso) responde à pergunta “Quando e por que se usa a estrutura?”. É o aspecto pragmático do item gramatical estudado.

A proposta feita por Celce-Murcia e Larsen-Freeman é não mais enxergar um item gramatical apenas como uma forma lingüística cujo aspecto semântico e cujo contexto social em que ocorre não possuem relevância nenhuma. É preciso que as três dimensões sejam levadas em consideração para que o ensino de uma língua estrangeira seja bem conduzido. Às vezes, a forma lingüística não representa nenhuma dificuldade para o estudante de línguas estrangeiras: a dificuldade para o estudante pode estar no nível semântico ou no nível pragmático da estrutura. O *pie chart* vai ajudar o professor a localizar a área que representará maior dificuldade para o estudante e, assim, a planejar sua aula de acordo com essa dificuldade. Um exemplo são os chamados *phrasal verbs*. O estudante brasileiro não tem nenhuma dificuldade em aprender que eles são usados em situações informais, ou seja, a fatia **USE** não é problema para ele. Seu maior problema será a fatia **MEANING**, pois há três tipos de *phrasal verbs* no que diz respeito ao aspecto semântico: os verbos literais, os verbos figurativos e os verbos completivos. Já no caso do *present perfect tense*, as fatias que causam mais dificuldade ao estudante brasileiro são a do **MEANING** e a do **USE**: formar o *present perfect tense* é simples para o estudante brasileiro, mas o que significa e quando usá-lo são problemáticos para ele.

Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999, p. 5) admitem que, às vezes, é difícil estabelecer limites bem delineados entre os pedaços da torta, principalmente entre uso e significado. Apesar disso, o *pie chart* é uma ferramenta pedagógica muito útil para o professor de língua estrangeira e, também, uma prova de que o estudo da forma lingüística e o estudo do uso da língua podem contribuir muito mais se forem considerados como partes de um todo ao invés de alternativas. Como recomenda Larsen-Freeman (Badalamenti: xiii):

(...) it is crucial to recognize that the use of grammatical structures involves more than having students achieve formal accuracy. Students must be able to use the structures meaningfully and appropriately as well.

Será que os funcionalistas e os formalistas não podem pensar da mesma maneira que Larsen-Freeman e Celce-Murcia? Ou seja, que forma lingüística e uso da língua são partes de um mesmo todo?

CONCLUSÃO

O *pie chart*, apresentado brevemente na seção anterior, demonstra que a visão de língua como um conjunto de elementos estruturais e a visão de língua como um instrumento de interação social para a comunicação podem ser unidas em benefício do ensino de língua estrangeira. Nessa proposta, pode-se enxergar claramente a presença do formalismo na fatia **FORM** e a presença do funcionalismo na fatia **USE**. A questão agora não é mais “forma **OU** uso”, mas sim “forma **E** uso”. O conectivo foi mudado. No Brasil, já há teóricos que vêem a língua como um conjunto de estruturas lingüísticas que um indivíduo usa dentro de um determinado contexto social e cultural para se comunicar. Veja-se, por exemplo, a posição de Neves (1990, p. 49-50):

A língua em uso oferece complicadores no nível semântico e no nível pragmático-discursivo. E é a língua em funcionamento que tem de ser objeto de análise em nível pedagógico, já que a compartimentação da gramática como disciplina desvinculada do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à própria legitimação da gramática como disciplina com lugar no ensino da língua portuguesa.

O fato de paradigmas serem diferentes, como o funcionalismo e o formalismo, não implica necessariamente que eles tenham que ser excludentes, como bem lembram Dillinger (1991) e Nascimento (1989). Em Lingüística, assim como em qualquer outra ciência, pensar em dicotomia, no que é melhor ou pior, é pensar de forma muito limitada no sentido de não enxergar aquilo que outros paradigmas podem oferecer para elevar o conhecimento atual sobre os fenômenos lingüísticos. Por isso,

funcionalistas e formalistas deveriam parar de discutir sobre qual teoria é melhor ou pior e unir forças para que os fenômenos lingüísticos possam ser melhor compreendidos. Afinal, são ambos, funcionalismo e formalismo, fatias da mesma torta.

REFERÊNCIAS

CELCE-MURCIA, M.; LARSEN-FREEMAN, D. **The grammar book**. 2. ed. EUA: Heinle & Heinle, 1999.

DILLINGER, M. Forma e função na Lingüística. **D.E.L.T.A.**, v. 7, n. 1, p. 395-407, 1991.

LARSEN-FREEMAN, D. Introduction. In: BADALAMENTI, V.; HENNER-STANCHIA, C. **Grammar dimensions: form, meaning, and use**. Boston: Heinle & Heinle, 1993.

NASCIMENTO, M. Teoria gramatical e mecanismos funcionais. **D.E.L.T.A.**, v. 6, n. 1, p. 83-98, 1989.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 43-47.

_____. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1990.

VOTRE, S. NARO, A. J.; Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. **D.E.L.T.A.**, v. 7, n. 2, p. 167-184, 1989.